

UM INCERTO GRUPO

Produção. Coletiva. O texto.

Ato de escolha. Todos na sala, um grupo sorri; outro, imagina. Havia quem dormisse buscando afastar a possibilidade de um encontro. Havia quem propusesse o tema - sobre o quê? "É preciso começarmos pelo ponto de partida explícito, (aí, o fluxo lógico e passivo das coisas!). Olhares, sorrisos, desajeitos. A vontade de um fazer - o texto, imediatamente? - nascia da dúvida. Era uma tarde tensa, quinta-feira. Desacostumados quase ao exercício da palavra 'todos', era diante dela que nos reuníamos e procurávamos manifestar nossa saída. Papéis sobre os braços esverdeados das carteiras - onde o professor? A obra, às mãos!

Difícil.

Urgente: um texto. Queríamos ou não?

Precisávamos inventar, desatar, cortar.

Impedir que o desconforto da hora se transformasse na palavra silêncio. Risos. Crianças tateando um livro ainda não impresso, figuras icônicas. Por detrás de cada uma o peso cinza das paredes, as tantas lousas mapeadas de exercícios, os sinais determinantes dos pontos, os pedaços de giz e as vozes dos meninos da sala, de repente, tudo reiterado por aquela situação - onde o professor? E o texto?

Uma proposta é solta, e, indefesos, a ela nos agarramos, como margem e tronco. O incomodado grupo inicia suas atividades. Inauguram-se os sons, via de acesso à palavra escondida no quarto em 'tempo de adolescência'. Dois a dois, buscamos no diálogo dos olhos romper o círculo do conhecimento imediato. A sala encheu-se de ruídos dissonantes, 'E se meus alunos me vissem agora?'. As pes-

soas pelo corredor olhando, ouvindo. A sala enchendo-se de ruídos sintaticamente desconexos. O ato da escrita impõe-se; a vontade de transpor, lúdica e conscientemente, o primeiro obstáculo de nosso projeto, ou seja, o caráter coletivo de nós mesmos.

Surpresos. As perguntas e observações guardavam-se para mais tarde, não quebrar o momento. Depois. Eramos nós em versos e dois, três ou quatro. Ou em um relato observador de quem escolhera o discurso.

A leitura, a necessidade da troca, do comentário de todos. Tínhamos um carinho de criadores para com o objeto inventado, para o ato - os alunos penetravam no prazer da escrita, as palavras soavam engraçadas, violentas, românticas, refeitas, renascidas, vividas, desatadas. Novas.

E fluíam pela tarde atenta da descoberta comum. A expectativa rompida, somavam-se, cada vez mais prioritários os porquês. A inevitável precisão de analisar o processo de todos inquietava-nos. Seria possível a sala de aula? Sim, desde que os termos 'sala' e 'aula' assumissem um novo sentido; desde que nós os transformássemos em atos de opção, liberdade, longe das pressões didáticas. Desinstituir a relação apassivadora professor-aluno e conferir-lhe o sentido maior e totalizador através da ação.

O risco sempre planejado, a linha delineada e contínua queria-se subvertida pela atitude crítica, perscrutadora e criativa.

Cada resposta re-metia-nos ao pé de várias questões. Apenas descobríamos como desfazer um dos nós. Outros apresentavam-se ao grupo, então e já sentindo-se configurado. Ir-se embora foi inquietante.

Sexta-feira. Ao menos incerto, novas adesões.

A palavra tortuosa, o sentido da coisa quebrada, nós e outros: teríamos encontrado como saída o fechamento? Atados à nossa condição?

A tarde fora impaciente, o sol pendurava-se pelos ponteiros persistentes, nossos olhos riscavam desejos de café, cerveja, de um encontro que fosse outro, de um corte nas agressivas interferências que, pouco mais, reverteriam-se em silêncio.

Reagimos. Os versos de antes transformaram-se em histórias lacônicas. Passeios dispersos pela sala. Sensação desperta e a busca de uma análise maior.

Produção e texto coletivo, as falas desarmadas, as intenções, as experiências.

Sobretudo a permanência da luz pela festa da possibilidade.

São Paulo, novembro de 79

Filomena Moreira da Costa